



**RATIO - FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

AMANDA FERREIRA LIMA

**PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, QUE VIVEM NA PRAÇA DOS  
MÁRTIRES EM FORTALEZA - CE**

FORTALEZA – CE  
2019

AMANDA FERREIRA LIMA

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, QUE VIVEM NA PRAÇA DOS MÁRTIRES EM  
FORTALEZA - CE

Monografia submetida à aprovação do  
Curso de Bacharelado em Serviço  
Social pela Faculdade Teológica Ratio,  
como requisito parcial para obtenção  
de título de Bacharel em Serviço  
Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Luciana Gomes  
Marinho

AMANDA FERREIRA LIMA

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, QUE VIVEM NA PRAÇA DOS MÁRTIRES EM  
FORTALEZA - CE

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Luciana Gomes Marinho

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Luciana Gomes Marinho (Orientadora)  
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Maria do Socorro Lima Martins Matos  
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Francisca Emmanuella Saraiva Martins  
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

Deus sempre direcionou minha vida e fez coisas incríveis por mim. Por isso, dedico esse trabalho a ele.

## AGRADECIMENTOS

Esta fase da minha vida é muito especial, e não posso deixar de agradecer a Deus por toda força, ânimo e coragem, que me ofereceu para ter alcançado minha meta. Foram quatro longos anos, com dificuldades, alegrias, desânimos, lutas. Mas, com a graça de Deus, Nossa Senhora, familiares e amigos, consegui chegar ao fim desta graduação.

Agradeço também, o incentivo que as minhas amigas Girlane e Geysel, me deram desde o início. Lembro como se fosse hoje, Geysel dizendo: “Vá, corra, faça logo sua matrícula, vai dá certo”. Girlane dizendo: “Você consegue, eu quero ver minha amiga formada”. Deus é muito bom!

Agradeço em especial, a minha Titia Aldenize, que muito me ajudou. Quanto amor titia, ainda lhe retribuirei tudo, cada esforço da senhora.

Agradeço e dedico este trabalho a minha mãe Albetiza, obrigada por se orgulhar de mim, por acreditar, por ter um coração puro que sempre me enxerga maior do que eu realmente sou.

Agradeço aos meus companheiros de caminhada, Débora, Iramar e Leonardo, que do segundo semestre em diante, nunca mais essa equipe se separou, muitas risadas, pizzas, trabalhos, estágios, viagens, perrengues, até a Helena, filha da Débora, nasceu para aumentar os laços dessa equipe, temos muitas histórias para contar, muitas boas lembranças para nos sentirmos felizes.

Agradeço a instituição, e a cada professor, reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria, foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias, verdadeiros mestres que a vida acadêmica me trouxe, vida essa sofrida, porém, cheia de amor.

Com tudo o que vivi e aprendi me fica a certeza de que Deus é sempre muito generoso comigo, Ele, realmente, sabe o tempo certo para tudo, e o seu amor nunca, nunca falha.

A todas as pessoas que de uma alguma forma, me ajudaram e acreditaram em mim, eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem vocês não teria sido possível. Deus lhes pague!

“A todos os que sofrem e estão sós, dai sempre um sorriso de alegria. Não lhes proporcionas apenas os vossos cuidados, mas também, o vosso coração”.

Santa Teresa de Calcutá

## RESUMO

Com as diversas mudanças de estilo de vida na sociedade, a população em situação de rua, também vai se adaptando às situações e contexto, as quais estão inseridas. Esse grupo populacional heterogêneo possui em diversos aspectos, como campo de possibilidades para estar nas ruas, sendo o objetivo dessa, pesquisar e investigar quais motivos socioeconômicos e culturais, levam pessoas a morarem nas ruas, especialmente, na Praça dos Mártires, em Fortaleza. E como objetivos específicos: apontar as políticas públicas de apoio às pessoas em situação de rua; discorrer sobre os equipamentos de apoio a essas pessoas; além de, relacionar os conceitos de exclusão e inclusão social vivida por elas. Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, sendo realizada a pesquisa bibliográfica, para qual utilizamos as seguintes categorias de análises: população em situação de rua, questão social e políticas públicas, tendo como principais autores: Silva (2006), Sousa (2006), Ianni (1989), Yamamoto (1999), Santos (2012), Yasbek (2012), Montañó (2012), entre outros, que contribuíram para esse estudo. Também realizamos a pesquisa de campo na Praça dos Mártires em Fortaleza - CE. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada e a observação participante, e, como instrumentos auxiliares, o roteiro de entrevista, gravador de voz e diário de campo. Foram entrevistados três sujeitos, entrevistas concedidas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garante o sigilo e o anonimato. A pesquisa concluiu, durante as entrevistas e observações, que os sujeitos demonstraram haver relação entre a situação de rua e o uso de álcool e drogas ilícitas, o que confirma algumas das ponderações realizadas por autores, que apresentamos neste trabalho. Nem todos os entrevistados apresentaram vínculo com seus familiares, quando sim, apenas contatos breves. Esta pesquisa não pretende apresentar dados definitivos, mas sim, conhecer as principais dificuldades enfrentadas por esta população heterogênea, para refletir sobre os impactos da questão social na vida dos sujeitos, que por um motivo ou outro, vivem nas ruas, independentemente, se eles se justificam ou não ser opcional, considerando seus direitos para o pleno do que lhes forem de direito.

**Palavras-chave:** População em Situação de Rua. Questão Social e Políticas Públicas.

## ABSTRACT

With the various lifestyle changes in society, the homeless population is also adapting to the situations and context, which are inserted. This heterogeneous population group has in several aspects, as a field of possibilities to be on the streets, the objective of which is to research and investigate which socioeconomic and cultural reasons lead people to live on the streets, especially in Praça dos Mártires, in Fortaleza. And as specific objectives: to point out public policies to support people on the street; talk about the support equipment for these people; in addition, to relate the concepts of social exclusion and inclusion experienced by them. This research had a qualitative approach, being carried through the bibliographic research, for which we use the following categories of analyzes: population in situation of street, social issue and public politics, having as main authors: Silva (2006), Sousa (2006), Ianni (1989), Yamamoto (1999), Santos (2012), Yasbek (2012), Montaña (2012), among others, who contributed to this study. We also conducted field research at Praça dos Mártires in Fortaleza - CE. As instruments for data collection, we use semi-structured interviews and participant observation, and as auxiliary instruments, the interview script, voice recorder and field diary. Three subjects were interviewed, interviews granted through the Free and Informed Consent Term (ICF), which guarantees confidentiality and anonymity. The research concluded, during the interviews and observations, that the subjects demonstrated a relationship between the street situation and the use of alcohol and illicit drugs, which confirms some of the considerations made by authors, which we present in this work. Not all respondents were linked to their family members, when they were, only brief contacts. This research does not intend to present definitive data, but rather, to know the main difficulties faced by this heterogeneous population, to reflect on the impacts of the social issue in the lives of the subjects, who for one reason or another, live on the streets, regardless, whether they justify or not be optional, considering their rights to the full of what they are entitled to

**Keywords:** Homeless population. Social Issues and Public Policies.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

HABITAFOR – Secretaria Municipal de desenvolvimento Habitacional de Fortaleza

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NBR – Norma Brasileira Regulamentar

PLS – Programa de Locação Social

PUCP – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

SESEC – Secretaria de Segurança Cidadã

SETRA – Secretaria do trabalho Desenvolvimento Social e Combate a Fome

SIBI – Sistema Integrado de Bibliotecas

trad. – Tradutor

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>18</b>
2.1 Aproximação com o objeto de estudo .....	18
2.2 Inserção em campo .....	20
2.3 Aspectos Conceituais e o Perfil dos sujeitos entrevistados .....	22
<b>3 SITUAÇÃO DE RUA, POLÍTICA PÚBLICA .....</b>	<b>25</b>
3.1 A vulnerabilidade e a exclusão social enfrentada pelas pessoas em situação de rua .....	25
3.2 As políticas públicas direcionadas para as pessoas em situação de rua .....	27
3.3 As políticas públicas direcionadas para as pessoas em situação de rua .....	29
<b>4 A POPULAÇÃO DE RUA E A QUEBRA DE VÍNCULOS FAMILIARES: RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>33</b>
4.1 Conhecendo os espaços onde os indivíduos em situação de rua convivem em Fortaleza .....	33
4.2 O espaço em que convivem os sujeitos entrevistados: o olhar do observador .....	36
4.3 Relação entre a população em situação de rua e a quebra de vínculo familiar .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está direcionado ao estudo de pessoas em situação de rua. Como ponto de referência usamos a Praça dos Mártires, também conhecida como Passeio Público. A expressão popular “moradores de rua”, é utilizada para denominar homens, mulheres e crianças que sobrevivem nas ruas, expressão não mais utilizada, por se tratar de um momento temporário.

No senso comum, essas pessoas também são identificadas como mendigos. E, entretanto, esse termo foi abolido entre as pessoas e instituições comprometidas com essa população, passando a serem reconhecidas como pessoas em “situação” de rua, sendo assim, temporário ou não. Os mesmos são vistos, como os que não tomam banho e nem escovam os dentes, são homens, mulheres, com idades que vão da infância à velhice, trabalhadores eventuais se alternam com desempregados, com doentes crônicos e muitos, com transtornos mentais, uma completa degradação humana.

Esses indivíduos são compelidos a utilizarem as ruas como espaço de moradia e sustento, e por ser um reflexo da exclusão social, é um terreno onde cresce os mais variados tipos de crimes. Eles passam as noites dormindo nas ruas, sob marquises, em praças, embaixo de viadutos e pontes. Além desses espaços, também são utilizados locais degradados, como prédios e casas abandonados e carcaças de veículos, que têm pouca ou nenhuma higiene.

Quando falamos sobre pessoas, sabemos que há particularidades na condição de vida de cada uma delas e, cada um pode ter tido um motivo particular para viver nas ruas, mas, há também, questões em comum entre essas pessoas, que são repetidamente vistas em muitos casos<sup>1</sup>.

Compreendemos que essa é uma situação de vulnerabilidade ou risco total, dependendo da ação de outros, além da discriminação e preconceito que estes enfrentam dia a dia, o descaso dos órgãos públicos, que se associa também a falta de oportunidade, faz com que, na tentativa de sobreviver, se viraram como podem para conseguir seu sustento, desenvolvendo como funções principais, a de flanelinhas, carregadores de feiras e outras soltas e avulsas.

---

<sup>1</sup> Consultar o link <https://www.politize.com.br/pessoas-em-situacao-de-rua/>.

Por parte do Estado, as instituições que são mais voltadas para essa população, são os equipamentos de acolhimento temporário<sup>2</sup> e os Centros POP, considerados insuficientes para esse atendimento. Por essa razão, as Organizações Não Governamentais (ONGs)<sup>3</sup> e as Instituições Religiosas, acabam, por vezes, substituindo o papel do estado, no atendimento das necessidades básicas dessa população, com a distribuição de alimentos, higiene e enxoval.

Em Fortaleza, temos como equipamentos de atendimento para essa população, duas unidades do Centro de Referência para População em Situação de Rua, Centro de Convivência<sup>4</sup> ou Pousada Social<sup>5</sup>. De acordo com o Canal de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Fortaleza:

O Centro-POP é um espaço para que qualquer pessoa em situação de rua possa procurar serviços de acesso à documentação oficial, Cadastro Único para Programas Sociais, realizar higiene pessoal, atividades socioeducativas e artísticas, além de atendimento especializado por profissionais que auxiliem a resolução das suas demandas<sup>6</sup>.

A realidade das pessoas em situação de rua é muito delicada, porque existe a situação que vivenciam e a discriminação enfrentada por eles, o que acaba, muitas vezes, afastando do foco das pesquisas, por exemplo, que se direcionem a se aproximar da realidade vivenciada por eles, considerando que só é possível intervir, quando se conhece determinada realidade. Em relação a dados, pouco se conhece de forma oficial por parte do Estado e seus poderes, sobre a população em situação de rua.

---

<sup>2</sup>Instituição Pública vinculada à Prefeitura de Fortaleza com o intuito de o acesso as refeições, necessidades de higiene pessoal e segurança durante o sono, locais que acolhem homens, mulheres e famílias. .

<sup>3</sup>De acordo com Mendonça e Menezes (2017) “Além de sua expressividade quantitativa, também a ação de ONGs tem sido reconhecida em contextos políticos e sociais. Atuando em redes, essas instituições organizam movimentos reivindicatórios nas ruas, adentram espaços culturais utilizando-se de recursos como o Teatro do Oprimido de Augusto Boal para provocar reflexões e inquietações nas comunidades, está presentes em Assembleias e audiências públicas, produzem conhecimento e expressam críticas em meios midiáticos e não midiáticos” (p.273).

<sup>4</sup>Observamos no site da prefeitura de fortaleza que o equipamento oferta “atividades de sociabilidade e convivência contemplando as linguagens lúdicas e culturais, cursos profissionalizantes, além de oferecer serviço de lavadeira, alimentação de qualidade no horário do café da manhã (8h30 às 9h30), almoço (12h às 13h30) e jantar (18h30 às 20h)”. (Disponível em <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/menu-programas/programa-iii> acesso em 24/set/2019)

<sup>5</sup>(Disponível em <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/menu-programas/programa-iii> acesso em: 24/set/2019)

<sup>6</sup>Para conferir a publicação na íntegra, consultar o link a seguir.

<https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/menu-programas/programa-iii>. Acesso em: 16/set/2019.

Foi realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social<sup>7</sup>, uma pesquisa sobre a População em Situação de Rua, entre os anos de 2014 e 2015, com o objetivo de quantificar, qualificar e traçar o perfil dessa população, revelando que 49,2% têm entre 25 e 39 anos, 79,8% é do sexo masculino, 62,4% se identifica como pardo, 28,9% está na situação de rua há mais de 5 anos, 27% não possui documento, 23,1% possui ensino fundamental completo.

O levantamento ainda revelou que, a maioria dessa população não possui atividade remunerada, e que, entre os principais motivos que os levaram à situação de rua, são os problemas familiares, desemprego, alcoolismo e uso de drogas.

Quanto a utilização dos serviços, os mais utilizados são os postos de saúde, os Centro Pop, e para ter o atendimento é necessário chegar cedo, pois os atendimentos, normalmente, são por ordem de chegada e serão atendidos de acordo com o serviço buscado. Nos Centros Pop's, o tempo médio de atendimento é variável e nos horários de segunda a sexta de 8h às 17h. Esta área é de responsabilidade da Secretaria de Trabalho Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

A problemática dos moradores de rua é algo complexo, que vai além do lugar para morar ou de tratamentos para abandonar os vícios, ao terem direito à habitação, à educação, saúde, políticas públicas. Diante da sociedade eles são considerados invisíveis, e passam despercebidos, é preciso um olhar diferenciado também por parte do Poder Público direcionado para essas pessoas, pois o desinteresse por parte do estado influencia diretamente no comportamento da sociedade.

Ainda de acordo com o Censo da Prefeitura de Fortaleza, eles se encontram nas ruas por falta de moradia regular, por falta de políticas públicas, aguardando políticas e ações do estado, que atendam as suas reais necessidades, como, por exemplo, o Aluguel Social<sup>8</sup> para os que não possuem casa própria ou dinheiro, levando em consideração a falta de renda, de um modo geral. De acordo com Silva (2009, Op. 100):

O pauperismo é a parte da superpopulação relativa composta dos aptos para o trabalho, mas que não são absorvidos pelo mercado, dos órfãos e filhos de indigentes e dos incapazes para o trabalho (as pessoas com

---

<sup>7</sup>Atualmente denominado por Ministério da Cidadania, atuando na Secretaria de Especial de Desenvolvimento Social. Disponível em: <http://mds.gov.br/>. Acesso em: 24/set/2019.

<sup>8</sup>Falaremos mais adiante sobre esse benefício.

deficiência incapacitadas para o trabalho, pessoas idosas, enfermos etc.) É a camada da superpopulação relativa que vive em piores condições.

Outro fator é pela mudança de cidade frustrada, uma vez que, este arrisca tudo em busca de melhoria de vida e não obtém sucesso em suas escolhas, se torna uma pessoa em situação de rua. Pessoas excluídas das estruturas convencionais da sociedade, pessoas que possuem menos que o necessário para atender às necessidades básicas do ser humano e sua sobrevivência, encontram-se frequentemente, comprometidas, pois os abrigos são insuficientes para atender essas pessoas, devido à escassez de vagas, quanto pela baixa qualidade dos serviços prestados.

Segundo o relatório do primeiro Encontro Nacional Sobre População em Situação de Rua, organizado e realizado em 2005, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome por meio da Secretaria Nacional de Assistência Social, define a **população em situação de rua como**: grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelido a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente.

Este trabalho tem como objetivo geral: investigar que motivos socioeconômicos e culturais levam pessoas a morarem nas ruas, especialmente, na Praça dos Mártires, em Fortaleza; e, como objetivos específicos: apontar as políticas públicas de apoio às pessoas em situação de rua; discorrer sobre os equipamentos de apoio a essas pessoas; além de, relacionar os conceitos de exclusão e inclusão social vivida por elas.

O trabalho apresentado foi feito na abordagem qualitativa, com a realização de pesquisa bibliográfica e de campo, para reunir informações e dados que ajudou na construção do projeto de pesquisa, levantando conhecimento sobre a situação de vulnerabilidade total desses indivíduos, para isso, se deve selecionar vários artigos científicos disponíveis na internet. Conforme aponta Paulilo (1999, p. 135):

A pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A

abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

Enquanto o trabalho de campo se procede à observação de fatos e fenômenos, exatamente como ocorrem na realidade, à coleta de dados referentes aos mesmos, foi feita através da aplicação de entrevistas e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Marconi e Lakatos (2010, p. 69) definem pesquisa de campo como:

[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento a cerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles. [...] A pesquisa de campo propriamente dita “não deve ser confundida com a simples coleta de dados (esta última corresponde à segunda fase qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado”.

Ainda sobre o trabalho de campo foi aplicada a técnica de entrevista semiestruturada e de observação direta ao comportamento dos sujeitos que habitam nas ruas, mais precisamente, na Praça dos Mártires, localizada no Centro de Fortaleza, também conhecida como Passeio Público, que é a mais antiga praça da cidade. Aproximadamente 10 pessoas em situação de rua vivem naquele local, com idade entre 18 e 60 anos, os quais foram abordados a partir da observação.

Segundo Gil (1999) a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, pois é a partir dela que é possível delinear as etapas de um estudo: formular o problema, construir a hipótese, definir variáveis, coletar dados e etc.

Sobre os aspectos éticos dessa pesquisa, os sujeitos foram abordados por meio da observação em campo, após isto, iniciamos explicando a proposta do trabalho e, como o mesmo ocorreu. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientação da Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde, neste momento, foi dito também, que a participação deve se dar de forma voluntária e não obrigatória, sendo o sujeito livre para se retirar da pesquisa a qualquer tempo desta, oportunidade em que ao aceitarem participar, iniciamos a entrevista. Vale destacar que, o TCLE garante aos sujeitos suas identidades preservadas em sigilo.

Para tanto, foi utilizada as seguintes categorias de análises: população

em situação de rua, questão social e políticas públicas. Tendo como principais autores Silva (2006), Sousa (2006), Ianni (1989), Iamamoto (1999), Santos (2012), Yasbek (2012), Montaño (2012), entre outros, que irão contribuir para esse estudo.

Para compreender a categoria políticas públicas, utilizamos o que diz Souza (2006, p. 26):

Pode-se, então, resumir **política pública** como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real.

Com o intuito de melhor apresentar a pesquisa, a mesma foi subdividida em cinco capítulos. O primeiro consta a introdução. O segundo é o capítulo metodológico onde foi apresentado o objeto de estudo, a aproximação e inserção no campo e o perfil dos sujeitos entrevistados.

No terceiro capítulo abordamos a expressão da questão social, além da vulnerabilidade e a exclusão social, enfrentada pelas pessoas em situação de rua, apresentando as políticas públicas direcionadas para esse público. Conforme definido por Iamamoto e Carvalho (2000, p. 77);

A ‘questão social’ não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e da repressão.

No quarto capítulo, discorreremos a respeito da realidade dos moradores de rua, relatando suas experiências vividas no local e seus desafios para sobreviver. Relatamos também, sobre os equipamentos de apoio que lhes são oferecidos, com o intuito de saber se, realmente, eles fazem uso desse benefício. Espera-se com este trabalho não dar resultados quantitativos, e sim, desconstruir um estigma absurdo sobre a população em situação de rua, blindando-os de todo e qualquer tipo de preconceito.

Para finalizar, trazemos as considerações finais, na qual como pesquisadores e reconhecendo que o assunto é importante, e que na área há a constatação de que as pessoas passam a viver na rua não por opção, mas como

consequência de um processo, o qual não é capaz de controlar, embora, geralmente, relatem a ocorrência de más escolhas, pois os moradores de ruas passam por momentos de extrema dificuldades, fragilidades que muitas vezes são vistas como um contentamento, como opcional, esquecendo que o ser humano não é só social, mas também psíquico, o desenvolvimento psicológico do indivíduo, depende da interação que mantêm com outras pessoas num ambiente social.

É importante que, a sociedade seja informada sobre a realidade da população em situação de rua, a fim de acabar com a postura preconceituosa e discriminatória em relação a essa população, assim como, deve ter maior informação e comprometimento com as investigações sobre violações cometidas contra pessoas nesta situação, a problematização dessa pesquisa, é mostrar a falta de capacitação que impede que boa parte dessa população, obtenha a sua recolocação no mercado de trabalho e que a ausência de um local de apoio e assistência social e cultural, contribui para a sua atual exclusão.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 Aproximações com o objeto de pesquisa

Na minha<sup>9</sup> adolescência, tudo o que minha mãe precisava resolver era no Centro da cidade de Fortaleza, lugar onde se concentrava a maior quantidade de pessoas em situação de rua. Compras, médicos, documentações, lazer, toda nossa vida passava por lá, caminhávamos todos aqueles lugares, desde a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, até a Praça dos Mártires.

Eu sentia medo de ir sozinha e tinha um preconceito quando via essas pessoas na rua, medo de ser assaltada, agredida ou qualquer outra coisa, ao mesmo tempo, sentia o desejo de me aproximar, de acolher, de ouvir ou ajudar de alguma forma. Achava muito triste essa realidade, adultos com criança de colo pedindo dinheiro, jovens usando drogas, homens bêbados, no entanto, os que todos viam ao mesmo tempo os faziam pessoas invisíveis.

Eu tinha um lar, tinha amor, tinha acolhimento dos meus, lembro que minha mãe, quando andava comigo naquelas ruas, segurava tão forte minha mão, que me fazia sentir segura, e aquelas pessoas não tinham ninguém para fazer isso por elas. Eu tinha a curiosidade em saber como eles sobreviviam no relento, como fazia em dias frio, e em dias de chuva, como faziam para se proteger, e até hoje quando chove, eu agradeço a Deus pela chuva e, em seguida, já peço para que ele se lembre dos seus filhos desabrigados. Pensava como se alimentavam, quando estavam doentes, quem os ajudavam, e seus familiares, porque permitiam que alguém seu, seu amor, chegasse naquela situação, muitas perguntas me vinham na cabeça, me questionava o que poderia ser feito para diminuir um pouco da sua dor.

Quando cheguei à maior idade, passei a andar sozinha por aquelas ruas, pois já conhecia bem aquele lugar e o medo já tinha ficado para trás, já conseguia parar e cumprimentar alguns deles, já ajudava pagando um lanche ou dando algum trocado, quando era possível e via em seus olhos a gratidão por alguém ter lhe olhado e o acolhido por um instante, por não os rejeitarem, por enxergá-los como ser humano igual a qualquer outra pessoa, ainda que em situação de vulnerabilidade.

---

<sup>9</sup> Peço licença ao leitor, para nesse capítulo, usar o verbo na primeira pessoa, por se tratar da aproximação com o objeto e inserção em campo da pesquisadora.

Quando entrei na disciplina referente à monografia, um dos temas sugeridos para pesquisa era o de pessoas em situação de rua, logo me veio à lembrança de quando eu era adolescente e estudava no Colégio Padre Champagnat, que também era localizado no Centro da cidade de Fortaleza - CE me vieram às lembranças de quando andando pelas ruas, eu presenciava muitas pessoas vivendo de maneira tão humilhante, tão dependente da ajuda de outras pessoas.

Foi aí que na faculdade Ratio, aproveitei a oportunidade de entender e conhecer de verdade, os motivos que levam essas pessoas a terem as ruas como o seu lar, isso me proporcionou a aproximação desses sujeitos, a oportunidade de conhecê-los, conhecer suas histórias e conhecer as suas realidades.

Foi então, que um dia, mais precisamente numa manhã de quarta-feira, sai para a pesquisa de campo, para viver a aproximação com o objeto pesquisado, me dirigir para o local escolhido, a Praça dos Mártires, também conhecido como Passeio Público, onde passei boa parte desta manhã, o local, por ser um lugar bem arborizado, tornou-se fácil de encontrar pessoas utilizando esse espaço como moradia.

Os sujeitos em situação de rua enfrentam diariamente, condições de vida angustiante e estão expostas a todas as formas de vulnerabilidade. As condições de vida são inadmissíveis, porque vão contra todos os valores fundamentais para o ser humano, pois segundo Moreto (2012, p. 129):

Essas pessoas habitam as ruas – lugar público, de trânsito e passagem, de convivência e manifestações. E é justamente o termo “moradia”, ou a falta dela, que simboliza toda uma população à margem de tantos outros direitos de cidadania. O estar sem moradia une uma população, a classifica e a ela são destinadas tanto ações assistencialistas, como políticas públicas e ações privadas.

É muito importante que seja lançado um novo olhar, sensível e social em direção às pessoas em situação de rua, uma vez que, é necessária uma mudança de regras para que a sociedade perceba aqueles que se encontram mais fragilizados, vulneráveis e sem conhecimento dos seus direitos.

A população de rua é marcada pela discriminação e pelo descrédito, por isso, é necessário compreender que, estes sujeitos também formam um grupo social dotado de direitos e que é necessário que lhes sejam concedidas e reconhecidas as devidas oportunidades, educação, a cultura a habitação, ao lazer e vários outros

direitos, ou seja, que tenham direito ao exercício de sua cidadania, para que possam ter sua autonomia resgatada.

O fato de estarem nessas condições e por não terem uma moradia fixa dificulta o acesso a práticas normais, como de higiene e os cuidados necessários com a imagem, essenciais para buscar a manutenção de um emprego, o qual se torna também um objetivo, dificultado pelas limitações de acesso a serviços básicos como os de transporte, saúde.

Diante de uma sociedade marcada pela desigualdade social e a super valorização do capital na perda do respeito aos direitos inalienáveis do ser humano, a “População em Situação de Rua” pode ser considerada como uma das mais dramáticas manifestações da questão social

## **2.2 Inserção em campo de pesquisa**

Chegando à Praça dos Mártires, fiz minha apresentação inicial, informando meu nome, minha idade, que era estudante de Serviço Social da Faculdade Ratio, e o meu objetivo principal, que é conhecer os motivos que os levaram a morar nas ruas, apresentando minha carteira de estudante, senti que ganhei confiança para conversar com eles.

Mostrei meu roteiro de perguntas, explicando que alguns pontos seriam necessários saber para a construção do meu trabalho e que eles estariam livres para responder apenas o que se sentirem a vontade para falar.

Falei um pouco sobre meu percurso metodológico, o significado daquela conversa para o meu processo como estudante e fui acolhida com muito entusiasmo, as pessoas que estavam ali naquele momento, se sentiram felizes em poder me ajudar de alguma forma.

Observei que acontece vida precária, vidas, principalmente, fragilizadas pelos vícios. Pessoas que ainda não tinham feito sua primeira refeição do dia, já estavam ali, alguns ingerindo bebida alcoólica, sem rotina de trabalho, enfrentando olhares preconceituosos e reconhecendo sua liberdade de escolha de estarem ali também por opção, diante das possibilidades apresentadas.

Os preconceitos enfrentados pela população em situação de rua são manifestados diariamente, humilhações, violência física, ofensas contra essas pessoas, infelizmente, são muito comuns.

Inicialmente, no local, por meio de observação, busquei entender quem são essas pessoas, por que elas estão nas ruas, quais foram os motivos socioeconômicos e culturais, e por que existe uma grande porcentagem de pessoas nesta situação. Essas observações me deixaram bastante incomodada, pois pude sentir a falta de esperança na vida delas, é como se não tivessem mais nada a ser feito, como se não fosse mais útil à sociedade, como se algo tivesse acabado, perderam a fé em dias comumente de cidadãos regidos por rotinas.

Durante a entrevista, outras pessoas foram se aproximando e fomos fazendo uma roda de conversa, todos tinham algo para contar ou acrescentar. Eram sujeitos chagados por histórias tristes e motivos diversos. Fui percebendo que a rua é um espaço de liberdade, que muitos deles estão ali não só por falta de oportunidade, mas também, pela sua liberdade de ser quem quiserem ser, o que os fazem se considerarem pessoas livres, fato que precisa ser analisado.

Foi um momento de muita surpresa, pois na minha perspectiva, estar em situação de rua é a mais alta humilhação humana, pois perdeu a dignidade de terem um lar, um trabalho digno e de serem vistos como cidadãos que tem seus direitos e deveres a serem cumpridos, e que enfrentam o olhar preconceituoso das outras pessoas, perdendo a cada dia a esperança de dias melhores e de conquistas. No entanto, percebi que pelas falas dos sujeitos viverem ao relento, para alguns é algo naturalizado.

As pessoas entrevistadas tinham entre 38 e 63 anos, homem e mulheres, alguns com filhos, tinham um grau de instrução, tinham estudado até o ensino fundamental e médio, além de alguns jovens que estavam naquele momento na praça, sujeitos que tiveram seus vínculos familiares interrompidos por conta de vícios, que não tinha oportunidade de emprego, por conta da crise no cenário político e econômico que, atualmente, o Brasil vive, tem conhecimento dos benefícios do governo, como o aluguel social, tinham cadastros feitos e que estavam aguardando.

Partilharam que não são aceitos por seus familiares, e que na praça eles tinham a liberdade que não tinham em casa, a liberdade de beber todos os dias, de tomarem banho quando sentirem vontade, e que já tinha passado até mais de um mês sem tomar banho.

Contaram que recebem visita de Assistentes Sociais e de Médicos, que periodicamente, fazem exames para ver como está sua saúde, e que algumas instituições religiosas levam comida, fazem momento de oração.

Encerrei as entrevistas agradecendo a atenção e a colaboração de todos, que de uma maneira fundamental, fizeram minha monografia dá certo.

### **2.3 Aspectos conceituais e o Perfil dos sujeitos entrevistado**

Esta pesquisa foi de natureza qualitativa, com o objetivo de compreender os motivos, como vivem e o que os levaram a se tornarem pessoas em situação de ruas. Neste item, a abordagem como pesquisa foi realizada, observando o rigor científico. (MARCONI e LAKATOS, 2003)

Esta pesquisa foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica reunindo informações e dados que ajude na construção desta monografia, como artigos científicos, produzidos por autores que possuem maior destaque nas determinadas categorias de análise teóricas. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Também utilizei a pesquisa de campo, que segundo Gonsalves (2001), exige do pesquisador um encontro mais direto com o objeto de estudo, a fim de reunir dados para análises. Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, que objetiva compreender as motivações de pessoas a estar nas ruas, essa pesquisa requer esse contato mais direto com o pesquisado. Ainda segundo Gonsalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Como forma de coleta de dados, utilizei a entrevista semiestruturada, que consiste no diálogo com perguntas que não se limitam ao que está no roteiro, estando, tanto o pesquisador como o pesquisado, mais livre para o diálogo, sem se preocupar com o que possa surgir no decorrer da entrevista. De acordo com Boni e Quaresma (2005, p. 71): “Em linhas gerais a pesquisa bibliográfica é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes”.

Outra técnica para coleta de dados foi a observação, além da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, a observação também exige do pesquisador um esforço de se aproximar do objeto de estudo. Os autores acrescentam: “Esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle”. (BONI E QUARESMA, 2005, P. 71)

Utilizei como instrumentos auxiliares no processo de coleta de dados o roteiro de entrevista, o gravador de voz e o diário de campo, por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizei as entrevistas, garantindo o sigilo estritamente acadêmico e o anonimato no trabalho. .

Não há como quantificar, quantos moradores e quanto tempo essas pessoas ficam em moradia na praça, as alterações por conta do imprevisto e a criatividade na moradia são muito variáveis, também pelas diferentes situações, diferenças de permanência nas ruas, ficar na rua circunstancialmente, estar na rua recentemente, e ser da rua permanentemente.

O que revela diferentes inclusões das próprias pessoas nas ruas, bem como, exige dos poderes públicos respostas que expressem em programas e políticas sociais, falta de moradia, não tem uma alimentação adequada o não tem como sustentar sua família, e isso tudo, os afasta dos vínculos que eles possuem. O sistema de saúde não supre os atendimentos necessários, ferindo, assim, os princípios da dignidade humana.

A situação de rua é uma realidade crescente, é uma população que não tem o acesso facilitado aos eventos culturais, a educação; e, quando são criados eventos direcionados a esse público não se tem o sucesso esperado, por ser um tipo de programação que não foi construída com o interesse deles, a exclusão social

e de transformação, contribuem para o pensar e atuar do Serviço Social nesse contexto e na direção da garantia e efetivação dos direitos sociais.

Sobre os aspectos éticos dessa pesquisa, os sujeitos foram abordados por meio da observação em campo, após isto, iniciei explicando a proposta do projeto e como ele ocorreu, será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientação da Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde. Neste momento, será dito também que a participação deve se dar de forma voluntária e não obrigatória, sendo o sujeito livre para se retirar da pesquisa a qualquer tempo desta, darei início à entrevista e após explanarmos as questões analisadas no projeto, os sujeitos terão suas identidades preservadas em sigilo.

O primeiro entrevistado é Eduardo, tem 74 anos, casado, tem três filhos, serviu ao exército brasileiro. Passou a viver nas ruas à aproximadamente cinco anos, pois não ver motivos para morar com seus familiares, já que estão todos encaminhados e na rua, ele faz amigos que não criticam seus hábitos.

O segundo entrevistado chamei de Mauro, de 38 anos, solteiro, não tem filhos e está desempregado. Passou a viver nas ruas, a partir de 2016, por ter perdido o emprego.

O terceiro entrevistado é Oliveira, viúvo, 64 anos, tem dois filhos, atualmente, é aposentado. Passou a viver nas ruas a partir de 2012, porque acredita que longe da família está livre para beber todos os dias.

### 3 SITUAÇÃO DE RUA, POLÍTICAS PÚBLICAS E EXCLUSÃO SOCIAL

#### 3.1 Pessoas em situação de rua

Quando pensamos em pessoas em situação de rua, primeiramente, há a necessidade de definir quem são essas pessoas, como se caracterizam, para, por exemplo, definir o tipo de atendimento das políticas ou programas para esse grupo. Conforme a Política Nacional para Pessoas em Situação de Rua (2008, p. 9), essa população pode ser definida como:

Um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento.

Não há um fator unificado, que indique ou justifique, os indivíduos estarem nessas condições, pois cada um se insere em contextos distintos, formas de vida e relações sociais, construídas de modo particular em relação ao contexto apresentado. Como aponta Silva (2006, p. 3):

São comumente enumeradas várias espécies de fatores motivadores da existência de pessoas em situação de rua, tais como fatores estruturais (ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social etc.), fatores biográficos (alcoolicismo, drogadição, rompimentos dos vínculos familiares, doenças mentais, perda de todos os bens, etc., além de, desastres de massa e/ou naturais (enchentes, incêndios, terremoto, etc.).

Ainda segundo a autora, está claro que se trata de um fenômeno multifacetado, que não pode ser explicado desde uma perspectiva unívoca e monocausal. São múltiplas as causas de se ir para a rua, assim como, são múltiplas as realidades da população em situação de rua. Pode-se dizer que, o fenômeno população em situação de rua vinculasse à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam.

No senso comum, essas pessoas também são identificadas como mendigos, entretanto, esse termo foi abolido entre as pessoas e instituições comprometidas com essa população, passando a serem reconhecidas como pessoas em “situação” de rua.

Quando falamos sobre pessoas, sabemos que há particularidades na

condição de vida de cada uma delas e que cada uma, pode ter tido um motivo particular para viver nas ruas, mas há também questões em comum entre essas pessoas, que são repetidamente vistas em muitos casos.

Pessoas com diferentes realidades são vistas como inaptas e perigosas, já que a miséria é terreno onde há maior possibilidade de crescimento dos mais variados tipos de crimes. Levando em consideração a condição comum de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e na falta de habitação convencional regular, são compelidas a utilizarem as ruas como espaço de moradia e sustento. Vários autores se referem à heterogeneidade da População em Situação de Rua, acrescentando outras categorias. Silva (2009, p. 173), afirma que:

[...] as pessoas que utilizam a rua como espaço de moradia e sustento possuem características diversas em relação ao tempo de rua, às causas imediatas que as conduziram à situação de rua, às relações que estabelecem com o trabalho antes e após a situação de rua e ao perfil socioeconômico.

A população em situação de rua é alvo da discriminação da sociedade capitalista, ela é duplamente rejeitada porque incomoda, pois estão em lugares públicos e também porque não são pessoas que produzem algo. Incomoda ver pessoas que não têm lugar para dormir, que passam fome, que por vezes, estão sujos e deprimidos, a sociedade enxerga apenas o imediato, muitas vezes não considera as causas que determinam o sujeito estar na situação de rua. Essa situação apresenta como estas pessoas não possuem suas necessidades básicas e imediatas supridas com plenitude, garantias de direitos básicos de vida.

Quando se chega à situação de rua, perdem-se os mais elementares direitos, como o de sentar-se em bancos das praças, utilizar-se de serviços públicos como banheiros, andar pelas ruas das cidades, entrar em restaurantes, ainda que se tenha o dinheiro para a refeição, tudo lhe é negado. A reivindicação destes direitos é o princípio de conflitos, que culminam em algum tipo de violência.

É uma situação de vulnerabilidade na qual a pessoa fica dependendo de outras pessoas, da caridade de outros, além da discriminação e preconceito que essas pessoas enfrentam dia a dia, o descaso dos órgãos públicos, que se associa também a falta de oportunidade, e se virando como podem para conseguir sustento, como flanelinhas, carregadores de feira e outras funções soltas e avulsas. Oliveira (2012, p. 58), afirma que:

O modo como a sociedade compreende as pessoas em situação de rua foi sendo transformado ao longo do tempo. Essas pessoas eram compreendidas como migrantes e desempregadas; no início dos anos 2000, começa-se a compreendê-las a partir da exclusão e vulnerabilidade, o que fomentou o desenvolvimento de políticas públicas e intensificou o preconceito social.

O importante ao se analisar essa realidade encontrada no Brasil, é lembrar que essas pessoas fazem parte de nossa sociedade, que todos possuem os mesmos direitos perante as leis, e que devemos rever nossos conceitos e incentivar o respeito ao próximo, tratando a todos com dignidade, independentemente da situação socioeconômica em que esse se encontra.

[...] as condições sociais, simultaneamente econômicas, políticas e culturais, sob as quais se recriam ideais, práticas e organizações empenhadas na socialização da propriedade e do produto do trabalho coletivo, agora vistos em perspectiva mundial (IANNI apud IAMAMOTO, 2010).

Dentre os vários pontos de vista atribuídos ao termo situação de rua, observa-se uma aceitável concordância, em volta de uma questão de obstáculos, a capacidade do termo em captar situações intermediárias de risco, localizadas entre situações extremas de vulnerabilidade, de inclusão e exclusão, dando um sentido dinâmico para o estudo das desigualdades. No item a seguir, iremos apresentar reflexões e conceitos sobre vulnerabilidade e exclusão social que as pessoas que vivem em situação de rua enfrentam.

### **3.2 A vulnerabilidade e a exclusão social enfrentada pelas pessoas em situação de rua**

A vulnerabilidade tem como característica atribuída à população em situação de rua, considerada mais exposta e menos capaz de se defender contra abusos e maus-tratos realizados por outros, a vulnerabilidade social é o conceito que caracteriza a condição dos grupos de indivíduos, que estão à margem da sociedade, ou seja, pessoas ou famílias que estão em processo de exclusão social, principalmente, por fatores socioeconômicos agravados pela crise econômica, e tem relação com a estrutura de vida cotidiana das pessoas.

A pobreza, a miséria, a falta de perspectiva de um projeto existencial que vislumbre a melhoria da qualidade de vida, impõe a toda a família uma luta desigual

e desumana pela sobrevivência, a questão da família pobre aparece como a face mais cruel da disparidade econômica e da desigualdade social.

Os estudos sobre vulnerabilidade social, nos países menos desenvolvidos, estão associados também à ideia de risco frente ao desemprego, à precariedade do trabalho, à pobreza, à falta de proteção social ou acesso aos serviços públicos, à fragilidade dos vínculos familiares e sociais. De acordo com Yazbek (2001, p. 87):

A vulnerabilidade social, especialmente a que se aplica à realidade dos países menos desenvolvidos, como é o caso do Brasil, está associada também à ideia de frente ao desemprego, à precariedade do trabalho, à pobreza e à falta de proteção social. A noção de risco social é a probabilidade de ocorrência de um evento que cause dano, geralmente de rupturas, como: familiar, violação de direitos, e está associada ao aumento da pobreza, das desigualdades e vulnerabilidades sociais.

É dessa forma, que é possível entender que as pessoas em situação de rua sofrem várias violações ou negações de direitos fundamentais básicos, mesmo diante de situações, que aparentemente representam as escolhas dos próprios indivíduos, é possível perceber que paralelamente houve alguma necessidade não suprida, seja ela afetiva, social, econômica, como veremos um pouco no capítulo seguinte. Para Yasbek (2001, p. 89)

Embora no senso-comum persista uma representação de que as pessoas moram precariamente porque querem, a leitura que propomos é outra. Embora se possa admitir uma dimensão subjetiva do indivíduo que o leva a “se apegar” ao lugar, ao nosso ver, essa representação deve se situar numa dimensão mais coletiva do que individual.

Sob a análise da questão social, cabe observar que, a sua passagem do domínio privado, caracterizado pela relação capital/trabalho, para a esfera pública, foi promovida pelas lutas sociais, a qual a transformaram em uma questão política, e isso, exigiu a intervenção do Estado no reconhecimento de novos atores sociais, como sujeitos de direitos e deveres, e na viabilização do acesso a bens e serviços públicos pelas políticas sociais. Conforme Pastorini (2004, p.103):

A questão social na sociedade capitalista tem sua gênese nos problemas sociais a serem resolvidos nas diferentes formações sociais pré-capitalistas, mas sua origem data da segunda metade do século XIX, quando a classe operária faz sua aparição no cenário político na Europa Ocidental; em definitivo quando a questão social torna-se uma questão eminentemente política.

Observar que a questão social se expressa diretamente na vida das pessoas que se encontram em situação de rua, é uma análise fundamental para a compreensão, análise e intervenção social nesse contexto, pois as situações vivenciadas pelos sujeitos se concentram nas relações de trabalho, na fragilidade emocional ou na perda e quebra dos vínculos familiares, como foi mencionado anteriormente.

Observamos no que Campos e Pereira (s/d, p. 3) dizem que a exclusão social esteve atrelada a questão do desemprego, da “pobreza crônica”, o que mais uma vez reitera a relação entre a questão social e as relações econômicas e sociais estabelecidas que façam vigorar a exclusão social, vejamos:

O termo exclusão social foi abordado internacionalmente, a princípio para caracterizar os desempregados, que encontravam dificuldades na reinserção no mercado de trabalho, acarretando no reaparecimento da pobreza crônica. A partir da década de 1970, a exclusão passou a ser debatida no campo das ciências sociais e no cenário político. Se nas décadas de 1960 e 1970, a exclusão estava atrelada basicamente à pobreza gerada pelo sistema capitalista nos anos de 1980, a nova forma de exclusão.

Como observaremos com mais detalhes no capítulo seguinte, a condição dos sujeitos que vivem em situação de rua, sempre se relaciona com as diversas implicações das relações do mundo do trabalho, que de alguma forma, contribui na perpetuação, alguma vezes de gerações, das condições de vulnerabilidade social as quais se encontram.

Estas vulnerabilidades que os sujeitos enfrentam, interferem diretamente na forma como a sociedade define as representações sociais destes, fenômeno multidimensional que exclui o indivíduo do pertencimento social, familiar e, conseqüentemente, cultural. No item a seguir abordamos as políticas públicas voltadas para o enfrentamento dessa expressão da questão social, especificando as políticas, programas e equipamentos da cidade de Fortaleza - CE.

### **3.3 As políticas públicas direcionadas para as pessoas em situação de rua**

As políticas públicas, em especial, as de caráter social, são constituídas como dispositivos centrais de enfrentamento da questão social, acionados pelo Estado. Essas políticas passam, então, a figurar como mecanismos de operacionalização da função protetiva do Estado, enquanto processo de

materialização dos direitos sociais, assegurados constitucionalmente, fruto da mediação capital e trabalho. Mas, agora, são considerados empecilhos ao amplo desenvolvimento e reprodução ampliada do capital, devendo ser restringidas, focalizadas e, sobretudo, contar com a parceria da sociedade civil e com as redes informais de proteção social, responsabilizadas pelas soluções da questão social.

O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) consiste em uma unidade de referência da PSE de Média complexidade destinado ao atendimento da população em situação de rua. Ele deve ofertar o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua e pode, também, ofertar o Serviço Especializado em Abordagem Social.

O Centro Pop deve atuar no sentido de contribuir para a redução das violações dos direitos sócios assistenciais e dos danos causados por violações de direitos, para a construção de novos projetos de vida e para garantir proteção social às famílias e indivíduos. Segundo as normativas do Ministério de Desenvolvimento Social, as unidades devem estar abertas ao público por, no mínimo, cinco dias úteis por semana e o horário de funcionamento deve ser, pelo menos, de oito horas diárias.

O Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, disponibilizado nas unidades de Centro Pop, “tem a finalidade de assegurar atendimento e atividades, direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares, que oportunizem a construção de novos projetos de vida”. (BRASIL, 2013, P. 40)

Assim, o Centro Pop deve oferecer orientação individual, grupal e trabalho técnico para análise das demandas dos usuários, disponibilizar espaços para guarda de pertences, higiene pessoal, alimentação e provisão de documentação civil, e promover encaminhamentos a outros serviços sócios assistenciais ou a outros serviços, que contribuam para a autonomia, inserção social e proteção às situações de violência. (BRASIL, 2013)

No Canal de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Fortaleza, podemos ver como exemplo de equipamentos de execução do que recomenda a política nacional o Centro de Convivência e as pousadas sociais, ambos entregues em 2014 com uma diversidade de atividades e atendimentos a esse público, conforme vemos

no site<sup>10</sup>:

**Centro de Convivência para Pessoas em Situação de Rua e Pousada Social**, os dois equipamentos, entregues à população em dezembro de 2014, oferecem oportunidade de convivência e atendimento às necessidades daqueles que estão utilizando as ruas como espaço de moradia e sobrevivência no Centro de Fortaleza. Além disso, oportunizam a garantia da segurança de acolhida em espaço adequado para que os usuários passem a noite (pernoite). O Centro de Convivência pode receber até 200 pessoas diariamente e funciona de 8 às 22 horas, com atividades de sociabilidade e convivência contemplando as linguagens lúdicas e culturais, cursos profissionalizantes, além de oferecer serviço de lavanderia, alimentação de qualidade no horário do café da manhã (8h30 às 9h30), almoço (12h às 13h30) e jantar (18h30 às 20h). A média de atendimentos por dia é de 120 pessoas. Já a Pousada oferece 80 vagas diárias, funcionando todos os dias da semana. Todos os dias as vagas são ocupadas em sua totalidade. O tempo de permanência no equipamento é indefinido, ou seja, enquanto o usuário necessitar.

Outro benefício que a população em situação de rua usufrui é o Programa Locação Social (PLS), mais conhecido como Aluguel Social, que consiste na garantia de um auxílio financeiro mensal no valor de R\$ 420,00 às famílias que se enquadrem em situações previstas na Lei Municipal 10.328 /2015 e não disponham de meios materiais para adquirir ou alugar moradia. Atualmente, Fortaleza dispõe de 1.250 vagas no PSL, sendo 700 administradas pela Secretaria Municipal do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (HABITAFOR) e 550 pela Secretaria Municipal de Segurança Cidadã (SESEC).

Aos beneficiários do Programa Locação Social será assegurada prioridade na inscrição em programas habitacionais promovidos pela HABITAFOR, no Cadastro Único, e em programas sociais e de qualificação profissional pela Secretaria Municipal do Trabalho Desenvolvimento Social e Combate à Fome (SETRA), pela SESEC e outros órgãos do município de Fortaleza. O tempo de permanência da família no Programa Locação Social é de dois anos, mediante reavaliação semestral que constate a continuidade da condição que justificou o ingresso do beneficiário. De acordo com o site da prefeitura de Fortaleza:

Os beneficiários do PLS são pessoas em situação de moradia em condições subumanas, áreas de risco iminente ou que tenham sido atingidas por qualquer espécie de desastre natural, em situação de desalojamento temporário e que estejam cadastradas nos programas habitacionais ou em processo de reassentamento, mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexual, idosos, pessoas com deficiência ou

---

<sup>10</sup>Consultar o link a seguir: <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/menu-programas/programa-iii>. Acesso em: 30/out/2019.

peças com enfermidades graves, famílias ou pessoas em situação de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social e que se encontrem em situação de rua.

Como podemos observar, existem alguns equipamentos para o atendimento da população em situação de rua, equipamentos que dentro das suas possibilidades estruturais, ofertam para estes indivíduos possibilidades de amenizar os efeitos que a situação de rua acaba por apresentar para estes.

Embora hajam os equipamentos mencionados, ainda há muito que se avançar para o enfrentamento dessa situação que não é aparentemente, ter um local para morar ou não, é necessário que haja uma intervenção com ações voltadas para as diversas áreas da vida social, econômica e política, o que por muitas vezes, também implica na saúde mental dos indivíduos.

## 4 A REALIDADE DOS MORADORES DE RUA

### 4.1 As experiências de pessoas que vivem no local

Para compreender os motivos socioeconômicos e culturais das pessoas que vivem em situação de rua, especificamente, na Praça dos Mártires em Fortaleza - CE procuramos compreender os relatos dos sujeitos entrevistados, toda a análise partindo das suas experiências de vida pessoal e familiar, bem como, dos aspectos sociais que se relacionam com a condição atual que se encontram. De acordo com Clandinin e Connelly (2011, p. 27):

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em sua comunidade.

As autoras supracitadas entendem que, a experiência se desenvolve a partir de outras, dando um crivo de contínua. Compreender as experiências deve ser um processo de colaboração entre o pesquisador e o pesquisado. No que diz respeito ao pesquisador, essa pesquisa respeitou os momentos de falas, fazendo uma releitura das experiências narradas livremente pelos entrevistados.

Algo comum entre os entrevistados foi o motivo atual deles se encontrarem nas ruas: a livre opção. Essa livre opção vem justificada por diversos episódios, que são apresentados em diversas situações, sejam elas os conflitos familiares, o uso de drogas ilícitas, hábito de convivência com os “amigos”, dentre outras situações que implicam direta ou indiretamente na situação de rua. Conforme a proposta desta pesquisa, buscamos analisar de acordo com as entrevistas e as observações realizadas essas situações.

Mauro, 39 anos, não tem filhos mora de aluguel social, relata estar nas ruas por ter muito tempo ocioso, sem trabalho remunerado, o entrevistado conta que os colegas da praça o acolhem desde a sua chegada do Maranhão há 4 anos. Veio a trabalho por uma construtora, no entanto, com a crise econômica foi demitido há aproximadamente 2 anos conforme relata:.

“Num tem o que fazer, ficar dentro de casa desempregado, num da certo não. Tenho o benefício do Aluguel Social há um ano, mas convivo muito com o pessoal aqui na praça. Eu vim pela construtora XXXXX, a trabalho. Trabalhava nela em Teresina e ela me trouxe transferido para cá. Cheguei a

crise ai, teve que mandar todo mundo embora, demitiu e eu não quis mais voltar para minha cidade. Aqui é melhor, na minha cidade trabalhar na roça é ruim. Eu num vou voltar pra pegar na rocadeira. Ai eu recebo o aluguel social, bolsa família e é o que eu vivo. Quando aparece algum bico, todo dia antes de eu vir pra cá eu passo no cine para ver se tem alguma oportunidade. Nunca tem na minha área. Eu trabalho de servente, pedreiro, de tudo. Eu arrumei um agora de servente, mas como minha profissão é operador de camareira disseram que não podia me contratar porque não podia descer minha carteira. Que lei que esse presidente está fazendo? Num posso trabalhar de servente!”

Mauro decidiu não voltar para sua cidade natal por conta das oportunidades que existem aqui, embora ainda não tenha conseguido nada, enquanto recebe o aluguel social e bolsa família, como fonte de renda e de subsistência. O entrevistado relata chegar à praça por volta de 10h30min da manhã, porque antes disso, sai a procura de emprego, é contra as leis do novo governo sobre o trabalho. Conta da sua indignação e da falta de oportunidade.

Sr. Francisco, aposentado, 63 anos casado tem dois filhos, há nove anos mora nas ruas por opção. Se sente mais a vontade nas ruas, por um dos motivos ser o vício no álcool, segundo seus relatos, pernoita bebendo. O entrevistado afirma que, já conseguiu passar um mês sem tomar banho, reconhece os seus direitos, utiliza de benefícios como os do centro pop<sup>11</sup>, Bandeirão<sup>12</sup>. Sobre os serviços de saúde, relata que, frequentemente, a equipe de saúde vai até a praça para dar auxílio nos cuidados e orientações de saúde, como verificar pressão arterial, testes de glicemia, bem como, outras orientações de higiene cotidiana.

Na rua ele diz que tem histórias para contar, não se diz arrependido, reconhece que seus familiares querem seu bem, mas ele se diz viver melhor na praça. Todos os dias se alcooliza, sendo um dos motivos dele não querer viver no seio da família, para evitar discussões e intrigas. Para as refeições quando não está alcoolizado, usa o Restaurante Popular para refeições.

Eduardo tem filhos, 61 anos, casado, vive, atualmente, com a família e costuma passar o dia nas ruas porque gosta da companhia dos amigos que fez, também tem o vício do álcool, também é aposentado, diz que não os falta nada, e que está na rua para beber. Afirma ser doador de sangue e que mesmo com a situação vivenciada, consegue ser feliz, embora não tenha muito conforto.

---

<sup>11</sup>Este equipamento será mais detalhado no item seguinte.

<sup>12</sup>Local que disponibiliza refeições a preço popular localizado nas proximidades da praça dos Mártires.

Sobre a situação em comum apresentada pelos usuários, o que fica bem explícito é que para eles a rua gera liberdade, liberdade essa, que não proporciona, de modo geral, a garantia dos direitos que se negam constantemente, ou violados. Para eles, sentem-se livres porque não precisam dar satisfações a ninguém por questões de pontualidade e convívio social, muitas vezes a família não está por perto, o que os agrada caso haja históricos de conflitos familiares.

As autoras Andrade, Costa e Marquetti (2014, p. 1250) dizem: “ao mesmo tempo em que os moradores em situação de rua são um evento essencialmente urbano, eles causam, permanentemente, estranhamento e rejeição, como se não pertencessem àquele espaço”, com esta afirmativa, criticam, ao mesmo tempo que definem um grupo, identificam traços ou características que o tornam como indiferença ao lugar onde estes se encontram. As autoras também falam sobre a estruturação do cotidiano, como vemos na fala a seguir:

Nas ruas, as cenas cotidianas, que se passam à volta das pessoas, influenciam diretamente na estruturação desse cotidiano, ou seja, a vida de quem mora nas ruas e suas cenas cotidianas são regularmente redesenhadas por fatores externos. [...] A vida cotidiana produz os modos de agir, pensar e sentir nos processos afetivos, cognitivos e comportamentais. (ANDRADE, COSTA E MARQUETTI, P. 1252)

Os fatores externos mencionados pelas autoras podem ser relacionados nesta pesquisa, com a situação inconstante de habitação, pois a cada vez que são retirados de um local, por exemplo, devem aprender a conviver com a personalidade, comportamento de pessoas, até então, desconhecidas, mesmo estando em mesmas condições. De acordo com Andrade, Costa e Marquetti (2014, p. 1253):

As pessoas que dizem ter escolhido voluntariamente as ruas, aparentemente têm maior facilidade de adaptação neste ambiente. Dizem estar em busca de algo – na maioria dos casos, buscam a liberdade – e, assim, entendem as ruas como um recurso necessário para alcançarem seus objetivos ao saírem de casa.

Dos entrevistados, nenhum relatou ter dificuldades no convívio social, nem menos dificuldade de adaptação com as demais pessoas que vivenciam nas ruas, pelo contrário, expressaram a tão falada liberdade como um tesouro, liberdade essa, que sabemos de suas limitações financeiras, de saúde e da própria política de habitação.

Com base nos relatos dos entrevistados, pudemos perceber essa liberdade, como uma das principais motivações para se contentarem com a situação de rua, sem desconsiderar os demais fatores citados, como motivos para a situação de rua ser percebida.

#### **4.2 O espaço em que convivem os sujeitos entrevistados: o olhar do observador**

Além de sua vulnerabilidade e situação de extrema desigualdade social eles têm sido alvo de atos de violência, que expressam a crueldade que está presente na sociedade brasileira nos dias atuais, à possibilidade de ação do Serviço Social no acolhimento contra a dependência química, drogas e outros vícios, também visto, frequentemente, por parte da população que vivem nas ruas, observando que o vício é consequência e não causa. Comportamentos mostram que as drogas passam a ser uma estratégia de sobrevivência de quem está na rua, aparecendo, geralmente, depois que eles estão na rua, tornando, assim, uma forma de tentar fugir da realidade em que estariam.

Demonstrar a ausência de vínculos familiares, perda de algum ente querido, desemprego, violência, perda da autoestima, alcoolismo, uso de drogas, doença mental, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções advindas deste vínculo, sem moradia convencional regular e tem a rua como o espaço social, de moradia e sustento. Sofrendo assim, um preconceito por parte da sociedade que não conhecem as verdadeiras causas e questões sociais, por estarem nessa situação.

Quando se chega à situação de rua perdem-se os mais elementares direitos, como o de sentar-se em bancos das praças, utilizar-se de serviços públicos como banheiros, andar pelas ruas das cidades, entrar em restaurantes, ainda que se tenha o dinheiro para a refeição, tudo lhe é negado.

Embora, geralmente, relatem a ocorrência de más escolhas, pois os moradores de ruas passam por momentos de extrema dificuldades, fragilidades que, muitas vezes, são vistas como um contentamento, como opcional, esquecendo que o ser humano não é só social, mas também psíquico, o desenvolvimento psicológico do indivíduo depende da interação que mantêm com outras pessoas num ambiente social.

São pessoas que por diversos motivos deixaram seus lares para tentar a sorte na rua e agora busca no álcool e nas drogas, uma forma de anestesiar o sofrimento de vivenciarem estas condições. Dessa forma, as condições de vulnerabilidade vivenciadas pela a população em situação de rua, associadas às questões psicossociais geradoras de sofrimentos emocionais e físicos, torna mais forte, os riscos de saúde desse o que descreve um desafio para as políticas públicas.

E não é apenas o governo que deve voltar seus olhos para essas pessoas, mas também a sociedade deve ser informada sobre a realidade da população em situação de rua, com o objetivo de acabar com a postura preconceituosa, que ao se deparar com uma pessoa em situação de rua que é vista como “mendigo”, é como se não existisse nada naquele lugar, como se ele não fizesse parte do ser social. Essa imagem “inconveniente” passa despercebida aos olhos das pessoas, que já não enxergam solução para esse problema e ignoram o outro, que necessita de ajuda ou, pelo menos, ser tratado com dignidade.

O importante ao se analisar essa realidade, é lembrar que essas pessoas fazem parte de nossa sociedade, que todos possuem os mesmos direitos perante as leis e que devemos rever nossos conceitos e incentivar o respeito ao próximo, tratando a todos com dignidade, independentemente da situação socioeconômica em que esse se encontra.

#### **4.3 Os motivos que influenciaram os interlocutores a viverem nas ruas**

Viver nas ruas ultrapassam os limites de uma moradia, envolvem muitos outros aspectos, como motivações pessoais, vícios, os vínculos afetivos e sociais, o que não é possível analisar em uma única perspectiva. Ferreira e Machado (2007) conseguem agrupar em 4 grupos, as principais motivações que levam pessoas a viverem o processo de rualização, sendo eles, experiências de violência, uso e abuso de drogas, desemprego e problemas de saúde, podendo ser encontrados de forma isolada ou combinadas.

Embora seja comum, encontrar em textos a situação de rua como vulnerabilidade social, os sujeitos não se reconhecem como sujeitos vulneráveis, pois acham que recebem todo apoio necessário para o suprimento das

necessidades imediatas, como, por exemplo, o aluguel social ou apoio de instituições religiosas e assistência médica, conforme relato do Eduardo.

Quando questionados sobre o motivo deles estarem na rua, eles mencionam que estão porque querem, porque quando moravam na casa de sua família, não conseguiam ter a liberdade que possuem estando nas ruas, tendo em vista os entrevistados estarem nas ruas por conta do uso de drogas ou bebidas alcoólicas.

Quando fomos ao campo de pesquisa, observamos que muitos estavam em situação de rua não estavam sóbrios. Conforme relata a Sicari e Zanella (2018, p. 666), “o uso abusivo de drogas está intrinsecamente ligado à vulnerabilidade do âmbito familiar e funciona como um propulsor para a ida às ruas”.

O trabalho das autoras citadas anteriormente faz uma análise de diversas pesquisas, sintetizando algumas das motivações ou fatores que influenciam, alguns apresentam relação com o processo de globalização e intensificação da exclusão social, ou pelo processo de exclusão social partindo de processos econômicos e políticos baseados na injustiça social, ou por ameaças de milícias ou traficantes, que com o poder do medo obrigam os sujeitos a saírem de suas casas quando se sentem ameaçados. Ainda segundo Sicari e Zanella (2018, p. 668) que:

Mesmo tendo um número significativo de pesquisas que apontam para os múltiplos fatores que ocasionam a vida nas ruas e que consideram o contexto social, histórico e político, algumas destacam outros aspectos. Esmeraldo Filho (2010) identificou que algumas pessoas associam a atual condição como algo de sua responsabilidade, desconsiderando os processos sociais e econômicos.

Observamos que os interlocutores desta pesquisa se reconhecem enquanto sujeitos, que optaram estar nas ruas, enquanto liberdade, por não se perceberem semelhantes no estilo de vida que decidem aderir. Em alguns momentos, eles relatam ter ido para as ruas para evitar conflitos familiares, um dos entrevistados mencionou que não quer em hipótese alguma, que os seus familiares saibam onde vive atualmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral, conhecer os motivos socioeconômicos e culturais das pessoas que vivem em Situação de Rua na Praça dos Mártires no Centro da Cidade de Fortaleza - CE. A pesquisa foi realizada, na perspectiva de descobrir também, as dificuldades encontradas no dia-a-dia na busca de uma nova oportunidade no mercado de trabalho e os vícios, que é, atualmente, a principal causa da situação de rua.

A população em situação de rua possui seu estilo de vida construído mediante o contexto social e econômico, que se apresentam em determinado território, caracterizado como grupo populacional heterogêneo que possuem em comum a pobreza extrema, vínculos familiares fragilizados e a exclusão social, bem como, a não participação ativa no mercado de trabalho e na distribuição de renda.

Esse grupo populacional possui suas dificuldades próprias, que desenvolvidas em contexto de precarização dos serviços e equipamentos, podem deixar as vulnerabilidades mais profundas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, observamos que muitas pessoas que vivem em situação de rua iniciam o processo de rualização por diversos motivos, podendo ser eles, relacionados ao vício de drogas ilícitas ou bebidas alcoólicas, fatores relacionados aos vínculos familiares e comunitários, ausência de políticas públicas, ou até mesmo a espontânea vontade de se sentirem livres de compromissos e cobranças no seio familiar.

Durante as entrevistas, os sujeitos demonstraram haver relação entre a situação de rua e o uso de álcool e drogas ilícitas, o que confirma algumas das ponderações realizadas por autores que apresentamos neste trabalho. Nem todos os entrevistados apresentaram vínculo com seus familiares, quando sim, apenas contatos breves.

Sobre os equipamentos de atendimento às pessoas que vivem em situação de rua encontraram na cidade de Fortaleza o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop, que atende a demandas espontâneas, relacionada à cultura e cidadania.

Outro equipamento é a Centro de Convivência e Pousada Social, que atende a aproximadamente 80 pessoas durante a noite e 200 durante o dia. Os dois equipamentos funcionam no mesmo prédio. Localizado no Centro da cidade, os

sujeitos entrevistados relataram frequentar o local às vezes, para participar das atividades que existem.

Outro equipamento que atende a população de rua é o acolhimento institucional, atendendo a 50 pessoas em cada unidade, em Fortaleza existem duas unidades. Atendendo as demandas de limpeza, higiene e alimentação, além da dormida segura. Dos entrevistados, nenhum relatou já ter usufruído desse equipamento.

Os entrevistados relataram que possuem acesso a cadastro do Aluguel Social, ajuda de custo no valor de quatrocentos reais para pessoas de baixa renda, além dos cadastros no Programa Minha Casa Minha Vida. Foi relatado ainda pelos entrevistados, que alguns sujeitos que conviviam juntos já foram contemplados com os programas mencionados.

Esta pesquisa não pretende apresentar dados definitivos, mas sim, conhecer as principais dificuldades enfrentadas por esta população heterogênea, para refletir sobre os impactos da questão social na vida dos sujeitos que por um motivo ou outro, vivem nas ruas, independentemente se eles se justificam ou não ser opcional, considerando seus direitos para o pleno do que lhes forem de direito.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Regis de Castro. **BRASIL: A ECONOMIA DO CAPITALISMO SELVAGEM**. LUA NOVA Nº 57— 2002.

ARRUDA, Andressa. OLIVEIRA, Carlos. ALMEIDA, Luciane. **A história de vida de pessoas em situação de rua na cidade de Campo Grande/MS – Brasil**. DIRE nº6 |2015 : Conflits en territoires hispanophones, lusophones et francophones. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/dire> - ISSN: 2260-1155. Acesso em:

BRASIL. **Lei nº 7053/2009, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para População de Rua e seu comitê intersetorial de acompanhamento e monitoramento. Brasília: 2009.

CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso. PADILHA, Maria Itayra. **A dinâmica das relações familiares de moradores de rua usuários de crack**. SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 39, N. 106, P. 748-759, JUL-SET 2015. ,

CASTIGLIONI, M. C. Poesia concreta em prosa no asfalto: Limites da deficiência no espaço urbano. Interface (Botucatu), 16(43), 1087-1093. 2012.

CEARÁ. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/291/>. Acesso em: 22/nov/2019.

DEMO, P. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FERRO, M. C. T. **Desafíos de la Participación Social**: Alcances y Límites de la construcción de la Política Nacional para la Población en Situación de Calle en Brasil. Tesis presentada para cumplir con los requisitos finales para la obtención del título de Máster en Ciencia Política y Sociología. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales - Sede Academica Argentina - Área Estudios Políticos. Maestría En Ciencia Política Y Sociología. Buenos Aires, diciembre de 2011.

GIBBS, Camila. AMAZONAS, Leiliane. **POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E POLÍTICAS PÚBLICAS**: os limites à efetivação dos direitos na cidade de Manaus. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas. Maranhão, 2015.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua**: uma questão social? São Paulo: Fapesp, 2006.

GRINOVER, Ada Pellegrini et. al. (orgs.). **Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua**. 2. ed. Belo Horizonte: D'Plácido, 2016.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HINO, Paula. SANTOS, Jaqueline. ROSA, Anderson. **Pessoas que vivenciam situação de rua sob o olhar da saúde**. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(supl1):732-40.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez, 1983.

JÚNIOR, Luciano. COSTA, Eder. **VIOLÊNCIAS ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: O DIREITO FUNDAMENTAL À SEGURANÇA EM XEQUE**. JURIS, Rio Grande, v. 27, n. 2, p. 25-40, 2017.

MARICATO, Erminia. **Exclusão Social e Reforma Urbana**. Proposta: Rio de Janeiro, 1994.

MELO, Cíntia de Freitas. População de rua: entre a exclusão e a justiça social. In: MELO, T. **“Da Rua pra Rua”**: novas configurações políticas a partir do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Em RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana; FELTRAN, Gabriel (Org). **Novas faces da vida nas ruas**. São Carlos: EDUFScar, 2016.

MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. S; SOUZA, E. R. Violência e Saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, IV (3): 513-531.

NONATO, Domingos do Nascimento. RAIOL, Raimundo Wilson Gama. **PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E VIOLÊNCIA**: Entrelaçados em Nome da Suposta Garantia de Segurança Pública. **Direito em Debate**. Ano XXVII nº 49, jan.-jun. 2018 – ISSN 2176-6622.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAULILO, M. A S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serviço Social em Revista. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999. Disponível em: <<http://www.ssrevista.uel.br/n1v2.pdf>>. Acesso em: 26 de julho de 2016.

PEDERSEN, J. R. SILVA, J. A. **A exploração sexual de crianças e adolescentes e sua relação com a vulnerabilidade social das famílias**: desafios à garantia de direitos. In K. B. Krüger & C. F. Oliveira. (Orgs.), **Violência intrafamiliar: discutindo facetas e possibilidades**. (pp. 45-64). Jundiaí: Paco, 2013.

PEREIRA, Viviane de Souza. **População de rua em Juiz de Fora**: uma reflexão a partir da questão social. 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **População em situação de rua**. Disponível em: <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/menu-programas/programa-iii>. Acesso em: 15 de dez. 2018.

RODRIGUES, Lidia Valesca Bofim Pimentel. **Políticas públicas de atendimento à população de rua**: reflexões sobre efetivação de direitos em Fortaleza.

ROZENDO, Suzana da Silva. Informações da Aurora: voz às pessoas em situação de rua. Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista eletrônica mutações**. Julho/Dezembro, 2011. P. 1-10.

SCOTT, Juliano Back. **O CONCEITO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO ÂMBITO DA PSICOLOGIA NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 600-615, ago. 2018.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo. Cortez, 2009.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006.

STOFELS. Marie Ghislaine. **Os mendigos na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 3ª ed., 2003.

# APÊNDICES

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Tem filhos? \_\_\_\_\_ Quantos? \_\_\_\_\_

Empregos atuais ou anteriores: \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo se encontra vivendo por aqui?
2. Quais os motivos, sociais, familiares, econômicos, culturais que os levaram a viverem nas ruas?
3. Existe algum tipo de apoio às pessoas em situação de rua em Fortaleza/CE? Se sim, Quais?
4. E sobre os centros Pop's, você conhece?
5. Sabe como se dá o acolhimento?
6. Você tem contato com seus familiares?

# **ANEXOS**

## ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: \_\_\_\_\_ desenvolvida por \_\_\_\_\_.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por \_\_\_\_\_, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) \_\_\_\_\_. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é \_\_\_\_\_.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (sua) orientador (a). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Assinatura do (a) participante:

\_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a):

\_\_\_\_\_

Assinatura da testemunha:

\_\_\_\_\_